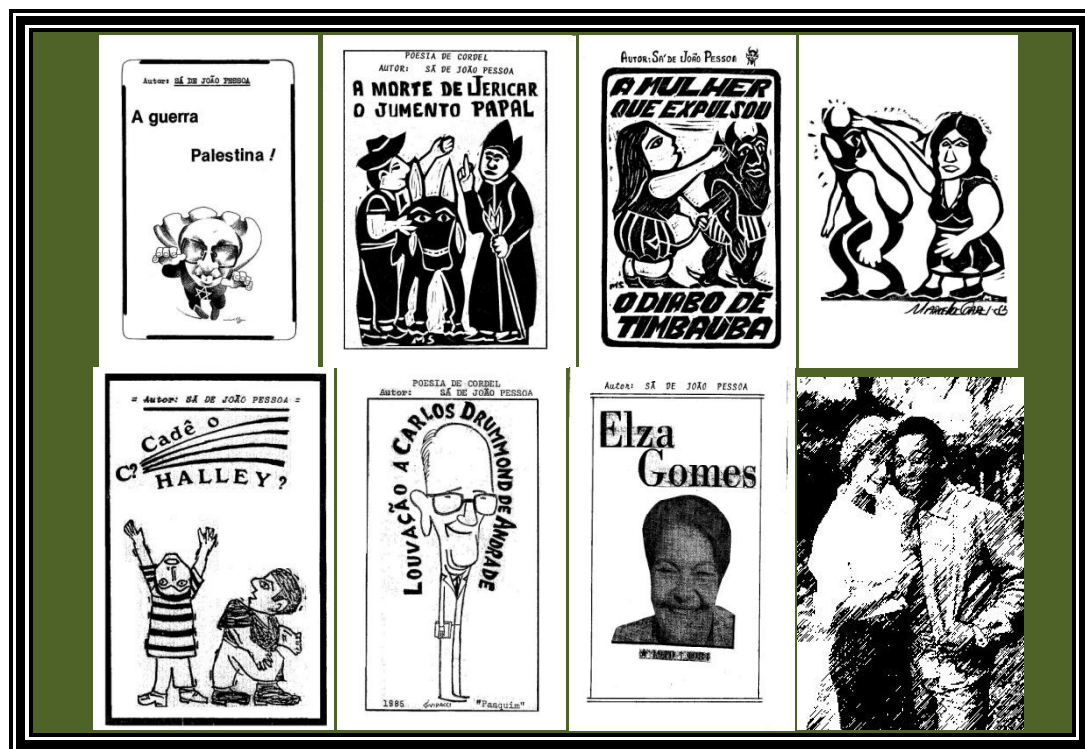


Sá de João Pessoa

(Poeta Popular)



Antologia de Cordel #2

Rio de Janeiro
2009

O cordel em mim

O cordel passou por minha vida na infância. Entre os vários divertimentos que eu tinha para passar o tempo que gazeteava a aula, um deles era ficar ouvindo os poetas cantarem e venderem folhetos no Mercado Central. Era a infância e juventude em São Luis do Maranhão. Como viram, não foi por um motivo nada nobre, porque a gazeta só dá como prêmio o atraso, a perda de ano, a repetência...

Enfim, foi isso. Nas praças e feiras, para vender os folhetos os cantadores usam a artimanha de cantar a estória até às vésperas do clímax, então paravam e anunciavam a venda do folheto. Quem quisesse saber o final tinha de comprar.

Ouvinte como eu, sem dinheiro pra comprar o folheto, ficava louco por não saber o final. Eu ficava por ali, esperando a venda se esgotar e quando o poeta começava a arrumar os folhetos na maleta, eu arriscava perguntar o desfecho do romance.

Ele olhava o menino com complacência e dava algumas dicas, contava o desfecho e então a gente se despedia com um sorriso cúmplice.

Chegado ao Rio de Janeiro nos anos 1960, por incrível que pareça, encontrei um ambiente que me proporcionava o mesmo prazer.

Freqüentando assiduamente as praças e mercados do Rio de Janeiro, encontrei muitos cordelistas na ativa, entre os quais, José João dos Santos (Azulão), José Gentil Girão (Seu Ventura), José Duda Neto, Apolônio Alves dos Santos, Cícero Vieira da Silva (Mocó), Elias A. de Carvalho, Expedito Ferreira da Silva, Franklin Maxado, Gonçalo Ferreira da Silva e muitos outros. Mais raramente encontrava Sebastião Nunes Batista, com quem bati longos papos. Todos eles continuaram a alimentar a minha imaginação, sempre com respeito e reserva de espaço: poeta é uma coisa, poeta popular é outra. Assim eu pensava.

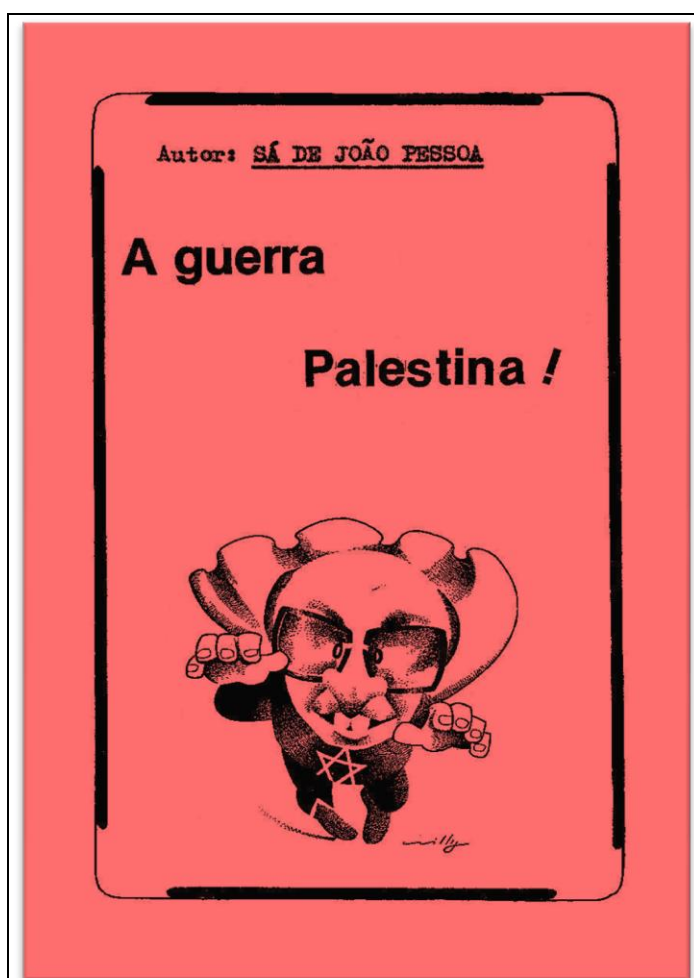
Uma vez ousei pular a fronteira dessa formalidade: comprei um livro de interpretação de sonhos com o intuito de transformá-lo em cordel. Pronto o trabalho, levei os originais para a leitura crítica de Franklin Maxado, que tinha uma banca na Cinelândia. Passado alguns segundos de leitura, escutei ele falar de si pra si: “O homem é poeta!”

E foi assim que nasceu o Sá de João Pessoa, poeta popular, com muito orgulho.

Rio de Janeiro,
Cachambi, 2009.

Antologia de cordel - 2

- 1 - A guerra palestina, pg. 4
- 2 - A morte de Jericar, pg. 11
- 3 - Poesia de Cordel - O Jumento não é Burro, pg. 19
- 4 - A mulher que expulsou o Diabo de Timbaúba, pg. 20
- 5 - Cadê o Halley?, pg. 29
- 6 - Rodolfo Coelho Cavalcante, pg. 37
- 7- Elza Gomes, pg. 38
- 8 - Louvação a Carlos Drummond de Andrade, pg. 46
- 9 - Eu também sou mutuário, pg. 52
- 10 - Moira Sullivan, pg. 54
- 11 - O amor de Xuxa e Pelé, pg. 62
- 12 - Corrupção, Democracia e Eleição, pg. 69



A GUERRA PALESTINA

Peço a Deus inspiração
A Alá sabedoria
A Javé peço perdão
À bela nação judia
Comete o crime insano
Da Palestina a sangria.

O povo Judeu sofreu
Perseguição inclemente
E com a morte pagou
Loucuras de um demente
Que se chamava Hitler
Um assassino indecente.

Pra defender o Judeu
A mais vil perseguição
O mundo todo se uniu
Livrou-o da extinção
O povo sobreviveu
Constituiu a Nação.

Chamou-se de Israel
A nova Nação judia
Unia-se o povo Judeu
Que Hitler perseguia
Ofereceu-se a Paz
Aquela gente merecia.

Outrora era Palestina
Onde Israel nasceu
Por decisão da ONU
A pátria do povo Judeu
A gente que ali morava
Porém tudo perdeu.

Depois de se instalar
E a Nação progredir
A ganância do Judeu
De novo se fez surgir
E ao povo Palestino
Passou a perseguir.

Esse o major absurdo
Um povo foi perseguido
E sofreu como um cão
Hoje mal agradecido
Renega a boa acolhida
Do Palestino sofrido.

Logo se deu início
A uma grande expulsão
Do povo que ali vivia
Muito mais de um milhão
Um povo que só queria
Viver em Paz como irmão.

Perdeu todo o direito
Que tinha desde o passado
Para o povo Palestino
Aquele solo é sagrado
Pois ali nasceu Jesus
Ali foi crucificado.

Ali também que nasceu
O Profeta Maomé
A quem o povo árabe
Devota uma grande fé
Até das suas Mesquitas
O fiel levou pontapé.

Todos nasceram ali
E ali viviam bem
Sendo a sua Capital
A Santa Jerusalém
A história é conhecida
Não precisa ir além.

Israel não respeitou
Qualquer direito alheio
Expulsou o Palestino
Ato covarde e feio
O pior tava pra vir
O mundo teve receio.

O povo oprimido reage
Como ferido animal
Quando se vê acuado
Tem na goela o punhal
Perseguido em sua terra
Morto como marginal.

Assim foi o Palestino
Pegou em arma pra luta
Não se curvou jamais
Não receia a força bruta
Está defendendo o chão
Não esmorece a disputa.

Foi de maneira insensata
Que a briga começou
A violenta batalha
Em Guerra se transformou
O Judeu tem muito apoio
Mas resistência encontrou.

Se houvesse união
Naquela parte da terra
Israel nem tentaria
Incrementar outra Guerra
O árabe é um poderoso
E muito valor encerra.

O árabe já mostrou
Que também sabe vencer
E para haver união
Tem vontade de viver
Ninguém lhe resistiria
Pois o poder é querer.

Ante a morte e violência
Não haverá rendição
Palestino vai à luta
E morre de arma na mão
Pois quer enfim reaver
A sua Sagrada Nação.

O Líbano e a Jordânia
Acolheram o Palestino
Que havia sido expulso
Da terra que é seu destino
E formou um forte exército
Pra encarar o assassino.

Mas existe Palestino
Em toda parte do mundo
É hoje um povo errante
Mas não é um vagabundo
Fará uma grande nação
Lá de onde é oriundo.

Tem Palestino na Síria
No Egito e no Sudão
Também tem no Brasil
E em todo país irmão
Se voltar à sua terra
Seria a consagração.

Muito grande cientista
Famosos compositores
Reconhecidos artistas
Filósofos e doutores
Desenhista e artesão
Músicos e bons cantores.

Todos os sábios enfim
Apóiam a criação
Na região Palestina
Da Palestina Nação
Para acabar com a dor
Desse povo nosso irmão.

Para acabar a Guerra
Que no Líbano acontece
Verdadeiro morticínio
A merecer nossa prece
É só exigir de Israel
Que o genocídio cesse.

Diante dessa pressão
O assassino semita
Deteria a agressão
E o extermínio se evita
O mundo precisa de Paz
A Paz o amor facilita.

Rezo a Alá e a Javé
Oro a Deus Onipotente
Ver a Guerra terminar
E esse povo valente
Deter enfim uma terra
Onde criar sua gente.

FIM



A MORTE DE JERICAR
O JEGUE DADO DE PRESENTE
AO PAPA JOÃO PAULO II

Socorro peço às musas
Rogo sua inspiração
O Jericar já se foi
Vendo essa consumação
E lamentando a má sorte
Digo como foi a morte
O fim de um bicho são.

Jericar era um jumento
Símbolo da humildade
Era um Jegue sadio
Tinha personalidade
Filho do nosso sertão
Foi dada por Damião
Para Sua Santidade.

O Jerico é um exemplo
De bicho santificado
Traz enorme benefício
Quando o dono tem cuidado
Seu nome está na História
Às vezes cheio de glória
Às vezes sacrificado.

Tanta coisa o Jegue faz
Vamos tirar o chapéu
Viu Jesus nascer menino
Transportou-o léu a léu
Diz a Santa Escritura
Que a nobre criatura
Vive com Deus lá no céu.

No Nordeste brasileiro
O Jumento é um colosso
Carrega lenha do mato
Transporta água do poço
Leva bebê para o berço
Vai à missa e reza o terço
Leva defunto pro fosso.

É um bicho resistente
Trabalha que só cavalo
Resiste à seca inclemente
Na chuva podem levá-lo
E topa qualquer serviço
Nem catimbó nem feitiço
Podem lhe trazer abalo.

Pro nordestino o Jumento
É como coisa sagrada
Ele atravessa florestas
Também não enjeita estrada
Leva verdura pra feira
E mulher casamenteira
Para o altar carregada.

Jumento é bicho famoso
Está na História antiga
Fábulas, Lendas, Folclore
Nas trovas e nas cantigas
Teatro e Literatura
E na Sagrada Escritura
É uma figura amiga.

Jegue, Jumento, Jerico
Muitos nomes ele tem
Apara-Raio, Espanta-Onça
Carrega-Cego, Esbarra-Trem
Asno, Burrico e Mula
Trator-de-pobre-que-pula
Fuleiro e Atrasa-Viagem.

Jericar é dessa estirpe
Nobre e valente animal
Foi levado à Brasília
Para a visita Papal
Era apenas um presente
Ofertado alegremente
Coisa de bem não de mal.

Mas houve muito alvoroço
Do Rádio e Televisão
Fizeram do pobre Jegue
Símbolo da reação
Da fome foi um protesto
Manipularam o gesto
Do caboclo Damião.

A Assessoria Papal
Andou enchendo ouvidos
De verdades mal contadas
Comentários ressentidos
O pobre Jegue então
Não mereceu atenção
Teve os brios feridos.

Damião iniciou
Uma peregrinação
Foi a Roma ver o Papa
Explicar a situação
Mas não teve mesmo jeito
Seu sonho estava desfeito
Com grande desolação.

Aqui no Brasil também
Jericar peregrinava
Burrico do interior
As cidades visitava
Quem entendia a razão
Por que o Papa João
O presente não aceitava?

Jericar participou
De movimento importante
Na Câmara Federal
Zurrou Diretas Pro Dante
O jumento – pode crer
Queria também eleger
O pátrio representante

É assim a teimosia
Deste povo brasileiro
Damião não desistia
E lutava o tempo inteiro
Se não desse o seu presente
Sendo de Deus um temente
Passava por caloteiro.

Não houve jeito porém
Jericar foi recusado
E como não tinha um lar
Num sítio foi encostado
Um grangeiro o acolheu
Tal se fosse filho seu
Ele ali foi bem tratado.

Mas mesmo assim Jericar
Não foi de todo esquecido
Em grandes concentrações
O jegue era recebido
Se pudessem eleger
Um jumento – pode crer
Jericar era escolhido.

Já estava programada
No mês de março vindouro
A ida de Jericar
Pra ver o fecho de ouro
Que assiste nossa Nação
– Redemocratização! –
O nosso maior tesouro.

Ele ia subir a rampa
Do Palácio do Planalto
Para zurrar – Liberdade!
Lá de cima bem do alto
Nossa maior esperança
Quem espera sempre alcança
Repito sem sobressalto.

Damião acha que a morte
Do Jegue foi criminosa
Porque a figura dele
Para alguns é perigosa
Pra mim é outra verdade
Jericar morreu de saudade
Falta de gente afetuosa.

Até mesmo dos jornais
Jericar foi esquecido
A muita gente deu fama
Na imprensa fez alarido
Depois de muito explorado
Não mais foi noticiado.
Um fim triste e dolorido.

Jericar assim cumpriu
A sina dos animais
Ao homem dá nome e glória
E tudo que for capaz
Na hora do sacrifício
Vai mesmo para o suplício
Nas patas de Satanás.

Foi o Jegue neste mundo
Quem nasceu e não pecou
Andou junto com Jesus
Quando no mundo andou
E tendo servido a Deus
Recebeu carinhos Seus
Morreu mas não se salvou.

Porém a fatalidade
Jericar acompanhou
Até mesmo Damião
O burrico abandonou
Assim no mato largado
Pela cobra foi picado
E o veneno o matou.

Do jeito como morreu
Jericar foi enterrado
No mais completo silêncio
Totalmente desprezado
Ate Damião – seu dono
Deixou-o no abandono
Como um pai desnaturado.

Jumentos teve a História
Também a Mitologia
Tem Jerico no Oriente
Na África e Oceania
Se fosse claro o céu
Sem segredos e sem véu
Jericar lá estaria.

Sei que tem gente no mundo
Ruim que nem o tinhoso
Obediente ao mal
Vai ficar rico e famoso
Enquanto tem dinheirama
Desdenha quem lhe deu fama
O Jerico valoroso.

FIM

POESIA DE CORDEL

Alguém além algum dia
Chamou a nossa poesia
Literatura de Cordel
Aqui neste pé quebrado
Dou por morto e enterrado
Esse termo infiel.

Como é pura poesia
Cheia de sol e harmonia
Saboroso como mel
Determino por decreto
Este é o nome correto:
– **Poesia de Cordel!**

Mote

O JERICO NÃO É BURRO
É UM BICHO INTELIGENTE!

G l o s a

Pode ser brabo e caturro
Mas é muito valoroso
Às vezes empaca teimoso
E relincha com esturro
O Jerico não é Burro
E vive a ajudar a gente
Alegre, feliz e contente
Por isso quero afirmar
Sem medo algum de errar
– **É um bicho inteligente!**

AUTOR: SA' DE JOÃO PESSOA



20



A MULHER QUE MATOU
O DIABO EM TIMBAÚBA-PE.

Timbaúba - vila pacata
Pequena porém decente
Não tem nada que abale
A vida daquela gente
Pode ser a bomba atômica
Ou uma seca inclemente.

A paz ali é sagrada
E está em todos os lares
Em Timbaúba os artistas
Estão em todos lugares
Ali viveu o Poeta-
Repórter José Soares.

Poeta que deixou nome
No Recife e mais além
Vendeu milhões de folhetos
Igual a ele ali não tem
Cantador de tanta fama
Não foi nem vai nem vem.

Hoje é reconhecido
Pois duas coisas sabia
O Zé Soares fazer:
Folhetos de poesia
Que narravam com beleza
Tudo o que acontecia.

E filhos em quantidade
Estão em todos lugares
Em folhetos e gravuras
Levando o nome Soares
Do Brasil para as lonjuras
Dos povos de além-mares.

Cada milhão que vendia
Dava pra comemorar
A rede toda tremia
Cumeeira a se agitar
Se ouvia a gemedeira
Era o Zé a festejar!

Hoje tem muito artista
São mestres e professores
No Rio, S. Paulo e Brasília
E mais outros arredores
Corre a fama dos Soares
Xilos, poetas, gravadores.

Nessa cidade tranqüila
Onde nada acontecia
O Capeta resolveu
Dar as caras outro dia
Eu conto o que sucedeu
Entre o Diabo e Maria.

Maria – fiquem sabendo
É uma mulher talentosa
Já teve trinta maridos
Todos já levou pra cova
Os homens ela tratava
Da forma mais vigorosa.

Por espalhar essa fama
Bandido ali não chegava
Pra bagunçar o coreto
Maria logo o expulsava
Fosse branco, fosse preto
Pro Inferno ela mandava.

Sem respeitar essa fama
Lá um dia apareceu
Um mulato assanhado
Dizendo – Eu sou mais eu
Quero conhecer Maria
E foi o que sucedeu.

O mulato era forte
Bem alto e apessoado
Se vestia com bom gosto
E trajava refinado
Pela pessoa se via
Não era pobre coitado.

Tinha o semblante sereno
Pinta de conquistador
Os olhos negros brilhando
Mostravam algum calor
Um riso franco e alegre
Aumentava o seu valor.

Encostou numa birosca
Pedi um litro de cana
Que fosse branca e bem fria
Feita de cana-caiana
Todos beberam o brinde
Daquela figura humana.

Ouviu falar de Maria
Nessa roda de amizade
Enquanto a cana rolava
Sentiu a possibilidade
De ser coroado um rei
Ali naquela cidade.

Pra lavrar o seu intento
E gozar de mordomia
Houve por bem conquistar
De todos a simpatia
Mas tinha que dominar
Primeiramente Maria.

A princípio ela foi
Pelo Cabra iludida
Ele tinha boa fala
E palestra comedida
Maria de Timbaúba
Ficou por ele caída.

Tendo Maria nas mãos
Por força do seu fascínio
O Diabo feito gente
Usou muito tirocínio
E em breve Timbaúba
Estava no seu domínio.

Feito Imperador dali
Ele deitou e rolou
Convite, carta, mensagem
Pro Inferno ele mandou
Em breve a Diabada
Em Timbaúba aportou.

Não pode dar muita folga
Pressa gente Rabo-Quente
Se você lhe dá o pé
Ele quer a mão da gente
E quanto mais tem velório
Mais o Demo tá contente.

Timbaúba era a terra
De respeito e de recato
Viu de repente perder
O respeito ali no ato
E virar uma bagunça
Aquele lugar pacato.

Maria não se deu conta
Daquela dominação
Pois iludida no amor
Ficou cega e sem razão
Foi assim que Timbaúba
Virou terreiro do Cão.

Mas a mulher é bendita
Com o dom que Deus lhe deu
Enfrenta qualquer desdita
E defende o que é seu
Quando é ludibriada
Quem ela encara perdeu.

Maria foi reparando
Em tudo que acontecia
Viu que o Diabo tomava
Tudo aquilo que queria
Agora vais ter comigo!
Disse com raiva Maria.

Voltou pra casa ligeiro
Encontrou a coisa tal
Que mais parecia domingo
Ou terça de Carnaval
Cercado de cem Diabas
Em tremenda bacanal.

Estava lá o seu homem
Que até então confiava
Maria o lar adentrou
Logo a todos expulsava
A tapa e a pescoção
Assim ela os tratava.

Houve uma resistência
Entre as Diabas presentes
Existe muita ousadia
No meio daqueles entes
Mas Maria destroçou
Todas aquelas valentes.

A Diabada pelada
Percorria pelas ruas
Outras saíam voando
A mil – sentando as puas
O povo admirou-se
De ver as Capetas nuas.

O mulato assim se viu
De repente abandonado
Sentiu também que perdia
O que tinha conquistado
Disse não saio sem luta
Pois aqui é meu reinado.

Aí o Cabra mostrou
Que o Demo é Coisa Ruim
Com arte se preparou
Para Maria dar fim
Pensando – Eu mato ela
Timbaúba tá pra mim.

Antes que ele se armasse
Maria deu o golpe fatal
Chegou no Cão bem dengosa
Carinhosa e coisa e tal
Deixou-o todo sem jeito
Destruiu-lhe todo o mal.

A mulher foi bem corada
Cheirando perfume bom
Tendo a face rosada
Pinta a boca com batom
Não há Cão que resista
Pois esse é o seu dom.

Os cabelos escorridos
Pelos ombros oleados
Com óleo de pau-cheiroso
Bem lisos e penteados
A negrura reluzente
Tenta a todos os Diabos.

Inda mais nossa Maria
Vestia roupa de chita
Daquela cheia de flores
Da qual não há mais bonita
Um decote cujos seios
Até ao Capeta excita.

Assim no quarto pegou
O Cabra desprevenido
Tão adoidado ficou
Quase perdeu o sentido
Quando percebeu Maria
No transparente vestido.

A mulher então usou
Toda a sua sedução
Os lábios doces de amor
Murmuravam a canção
O corpo quente e moreno
Era mesmo a tentação.

Maria tirou a roupa
E ficou nua em pêlo
Ao Capeta se entregou
Sem fazer nenhum apelo
Somente daquele jeito
Findaria o desmantelo.

Deu-lhe a surra de amor
Como só ela saberia
Dez dias passou na cama
Deixando o Cão na agonia
Que acabou não resistindo
Morreu no último dia.

Respirando aliviada
O Demo ela enterrou
Viu a sua Timbaúba
Em clima de muito amor
Defendida pelas fêmeas
Orgulhosas sem temor.

FIM

= Autor: SÁ DE JOÃO PESSOA =

Cadê o
C? HALLEY?



CADÊ O COMETA HALLEY?
NINGUÉM SABE NINGUÉM VIU...

Passou o Cometa Halley
Que grande decepção
Dizem que tinha uma cauda
Parecendo assombração
Mas não vi o tal Cometa
Pro mode a poluição...

30

Vultos famosos narraram
Quando o Halley apareceu
Em novecentos e dez
Um milagre sucedeu
Hoje não posso contar
O dito se escafedeu!

Já vi de tudo no mundo
Ate a Figura do Cão
Vi o Pelé e o Garrincha
E o Brasil Tricampeão
Vi a guerra pegar fogo
Mas o Halley não vi não.

Vi um cego enxergar
Jogar bola um perneta
Vi um coto caminhar
Sem ajuda da muleta
Vi fartura no sertão
Só não vi o tal Cometa.

Vi faltar água no Sul
E no Nordeste chover
A Beija-Flor desfilar
E no Sambódromo vencer
Só o Cometa de Halley
Sei que nunca eu vou ver.

Já fui no observatório
Que trata de astronomia
Perguntei a um astrônomo
Que o firmamento varria
– Será que o velho Halley
Passará aqui algum dia?

Ele riu me respondendo
– Não fique vexado não
Um Cometa inteligente
Como o Halley tem razão
Pra que sujar sua cauda
Com tanta poluição?

Uma noite inda arrisquei
Um olhar pro firmamento
Quando vi quase chorei
Era a cauda de um jumento
Surgindo da chaminé
De uma usina de cimento.

Um dia disse comigo
– Pareço mesmo banana
Batalho pra ver o Halley
Mas o Cometa me engana
E uma noite quase eu vi
Mas tava cheio de cana.

Fui correndo Para o Sul
Fincar o pé na montanha
Se o Danado passar
E sendo a sorte tamanha
A gente monta na cauda
E uma carona apanha.

Mas não teve telescopia
Que nos desse solução
O céu não limpava nunca
E eu fiquei na ilusão
O Cometa lá em cima
Cá embaixo – poluição.

Fiz mais de uma promessa
Pro meu bom Ciço Romão
Fiz pra São Roque Santeiro
Pro Santo Frei Damião
Eu quero ver o Cometa
Seja milagre ou não...

Já fiz também romaria
Pro mode o Cometa ver
Adiantou quase nada
Principiou a chover
Nuvem, trovão e relâmpago
Cometa? Qual lá o quê!

Toda a imprensa falada
Radio, TV e Jornal
Publicou sobre o Cometa
Um farto material
Coisa bonita de luxo
Em número especial.

Dizia que o rabo do bicho
É comprido pra diacho
Começa lá no Japão
Termina lá em Cartaxo
Procuro cabeça e rabo
Mas nem fumaça eu acho.

Vi o Vasco lutar tanto
E na praia naufragar
Sunyê ser Grande Mestre
Para o Mequinho igualar
Quando verei o Cometa
Nosso céu iluminar?

Vi de tudo neste mundo
Nada mais me causa assombro
Vi o Capeta e sem medo
O enfrentei ombro a ombro
Porém o Cometa Halley
Eu não vi nem o escombro.

Só assim posso afirmar
Sem incorrer em engano
Fiz o Cometa passar
Comigo a virada do ano
Tomando vinho e cerveja
Na banca do italiano.

Queria fazer um folheto
Para narrar a história
Da passagem do Cometa
Mas não terei esta glória
Se o Halley não conheci
Não posso fazer vanglória.

Subi de joelhos a Penha
Lavei Degraus no Bonfim
Pedi a Deus e ao Papa
Fazei uma graça pra mim
Só quero ver o Cometa
Um bocadinho assim.

Fiquei de olho no céu
Esperando escurecer
Tomando uma cachacinha
Mode não esmorecer
A cana estava tão boa
Que me fez adormecer!

Vou passar por mentiroso
Burro, safado e enrolão
Os meus leitores bem sabem
Que não sou de embolação
Juro – não vi o Cometa
Ninguém vê assombração.

Daqui a 76 anos
Do mundo velho me acabo
Não tive vida de Santo
Também não fui um nababo
Porém do Cometa Halley
Eu não vi sequer o rabo!

Um dia todo esse azar
Foi-se embora e acabou
O céu tava limpo e claro
Nem uma nuvem assomou
Desta vez meu velho Halley
Eu vim vê-lo e vê-lo vou!

Outro dia eu disse é hoje
Que esse Cometa eu vejo
Arrumei uma neguinha
Cheia de dengo e desejo
Preferi o fuque-fuque
Trocando carinho e beijo.

Tudo acontece comigo
Mas não posso desistir
O Halley vem desta vez
Quando de novo ele vir
Este Sá de João Pessoa
Já deixou de existir.

Como que pode um poeta
Que tem fé no seu talento
Não registrar esse fato
Que ocorre no firmamento
Cantar para seu ouvinte
Tamanho acontecimento?

Vi o Tancredo vencer
No Colégio Eleitoral
Para depois padecer
No limbo do hospital
Sua morte provocar
Consternação nacional

Vi o Sarney assumir
Os destinos da Nação
Foi eleito Presidente
Sem enfrentar eleição
Vi renascer o cruzado
Mas não vi o Halley não.

O quê contar aos netinhos?
Pois eles perguntarão
– Vovô viu o tal Cometa
Passar no céu na amplidão?
– Tava tudo poluído
O Cometa foi ilusão.

Todos viram meu esforço
Pra ver o Halley passar
Mas o Cometa é danado
Nunca está no seu lugar
Quando ele passa não tou
Quando eu tou ele não tá.

Rastreando a sua órbita
Ou vendo a sua imagem
Varar o éter solar
Espero uma mensagem
Dizendo – Me veja agora
Ou vá pra outra pastagem!

(1986)

RODOLFO COELHO CAVALCANTE
(1919-1986)

A Bahia chora hoje
A morte de um menestrel
Foi-se um grande trovador
De pesar tiro o chapéu
Hoje Rodolfo estará
Cantando versos no céu,

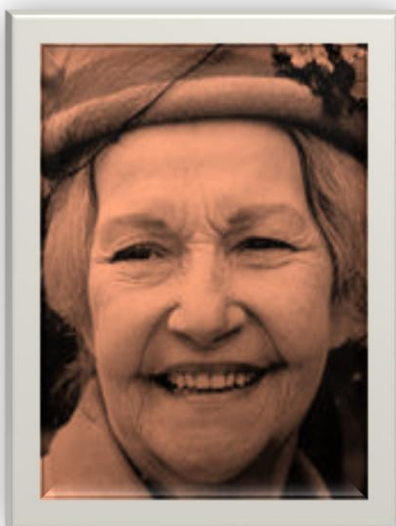
Foi o Rei do ABC
Junto com Paulo Batista
Biografias fazia
Do operário ao artista
Fazia trova e soneto
Mas foi mesmo repentista!

A morte de um poeta
Sempre traz muita tristeza
A gente perde um amigo
Perde um rei a natureza
Agora Rodolfo vai
Cantar no céu com certeza.

(1986)

LITERATURA DE CORDEL

Autor: Sá de João Pessoa



ELZA GOMES

1910-1984

ELZA GOMES

Musa do verso licença
Para a minha cantoria
Vou precisar de ciência
Amor e sabedoria
Alta e douda sapiência
E o poder da poesia.

Quero só fazer justiça
Neste pobre assentamento
Deixar pra posteridade
A vida sem julgamento
De uma Atriz sem igual
Em magia e em talento.

Sua perda inestimável
Dos íntimos foi sentida
Teve existência nobre
De todos era querida
Era a Arte o seu mister
E foi Atriz toda a vida.

Nascida em Portugal
De um casal de atores
Foi criada no Teatro
Entre sorrisos e flores
Vida comum e mambembe
Entremeada de dores.

Tinha apenas 8 anos
Quando seu pai faleceu
Era Ator João Santos Gomes
Que o proscênio perdeu
O talento do casal
De herança recebeu.

A mãe resolveu mostrar
Seu talento no Brasil
Para as terras d'além-mar
Logo em seguida partiu
Primeiro pra João Pessoa
Logo em seguida pro Rio.

A atriz Silvana Gomes
Logo arranhou um contrato
Em pouco tempo fazia
Várias peças no Teatro
E passou a considerar
Aqui o seu solo pátrio.

Elza então pequenina
Só 13 anos contava
Vivendo nesse ambiente
Aos poucos se entrosava
Fazendo pequenas pontas
No palco ela estreava.

Depois daquele começo
No ano de 23
Não mais deixou a cena
Crescendo a cada vez
Que atuava em comédias
Com talento e lucidez.

N'A Capital Federal
Representando Juquinha
Elza estreou pra valer
Mostrou o talento que tinha
Viu-se logo respeitada
Já desde pequenininha.

Representou operetas
E Teatro Musicado
Contracenou com atores
De nome já afamado
Jaime Costa e Procópio
Atuaram ao seu lado.

Depois que chegou a Rádio
Estava Elza presente
Fazendo rádio-novela
Levando pra toda gente
As emoções traduzidas
Numa voz rouca e quente.

No ano de 38
Viúva com uma filha
Conheceu André Villon
Que o mesmo caminho trilha
E com esse companheiro
Muito mais a estrela brilha!

No decorrer da carreira
Adquiriu seu progresso
Teatro – Cinema – Rádio
E na TV teve ingresso
Na arte de representar
Só obteve sucesso!

Com quase 60 anos
Surge na Televisão
Representando a velhinha
Que só arma confusão
Ficou muito popular
Encantou a multidão.

A fama então se estendeu
Por esses brasis afora
Era já reconhecida
Como o fôra a Isadora
E o sucesso nas Novelas
Refletiu muito lá fora.

Era o auge da carreira
Iniciada aos 13 anos
Elza a tudo vencia
Desilusões, desenganos
Pois em seu sangue existia
Os pendores lusitanos.

Com todo esse talento
Muita glória acumulou
Era aplaudida de pé
Quanto teatro lotou!
A crítica mesmo ferina
Ao talento se curvou.

O ano de 83
Foi uma data importante
Completo 60 anos
Na Arte que era amante
60 anos de Palco!
De uma vida militante.

Nem por isso desistiu
Também não se aposentou
Continuou na batalha
Na Arte que a consagrou
Ali iniciou seus dias
Ali os dias terminou.

Nos vídeos das tevês
Percorreu todo o país
Roubou todo um elenco
Com seu talento de Atriz
Pequeno-grande papel
Que fez em "Final Feliz".

E foi um nome profético
Um mal se manifestou
A besta-fera do século
Sorradeira se achegou
Câncer – doença maldita
A nossa estrela levou.

Seu eterno companheiro
Mostrava-se inconsolável
Abatido André Villon
Esse Ator admirável
Viveu 46 anos
De amor insuperável.

Só às vésperas do fim
Resolveram se casar
Cumprindo a superstição
Que ela vivia a ditar:
"No dia do meu casamento
A morte vem me buscar!"

Quero agora falar-lhes
Um pouco de André Villon
Que largou o futebol
Arte da qual era bom
Para viver de Teatro
Dividir com Elza o dom.

Uniu-se à grande Atriz
Em 38 corria
Um caso de puro amor
Naquele momento nascia
André Villon deu a grandeza
Que Elza Gomes merecia.

Foi o eterno companheiro
Ao lado sempre presente
Um completava o outro
De modo surpreendente
Era um astro iluminado
Pela estrela refulgente!

No Teatro de Comédia
Onde o corpo era velado
Encontrei André Villon
Chorava desconsolado
Com a cabeça entre as mãos
A filha estava a seu lado.

Apresentei os sentimentos
E me acerquei do caixão
Elza Gomes tava linda
Com uma rosa na mão
Reverenciei a Atriz
Com a maior emoção.

Passei ali alguns momentos
O coração compungido
Aquele perda pesava
Como tivesse perdido
Uma mãe – uma irmã
Um ser por demais querido.

Elza antes fez um pedido
Ao Eric – o maquiador
Que a fizesse bem Bela
Quando a chamasse o Senhor
Queria a todos transmitir
Só alegria e não dor.

Era assim que ela estava
Mais um anjo parecia
Como se estivesse viva
Assim que a gente a via
Dava-nos enlevo e paixão
Amor, vida, alegria!

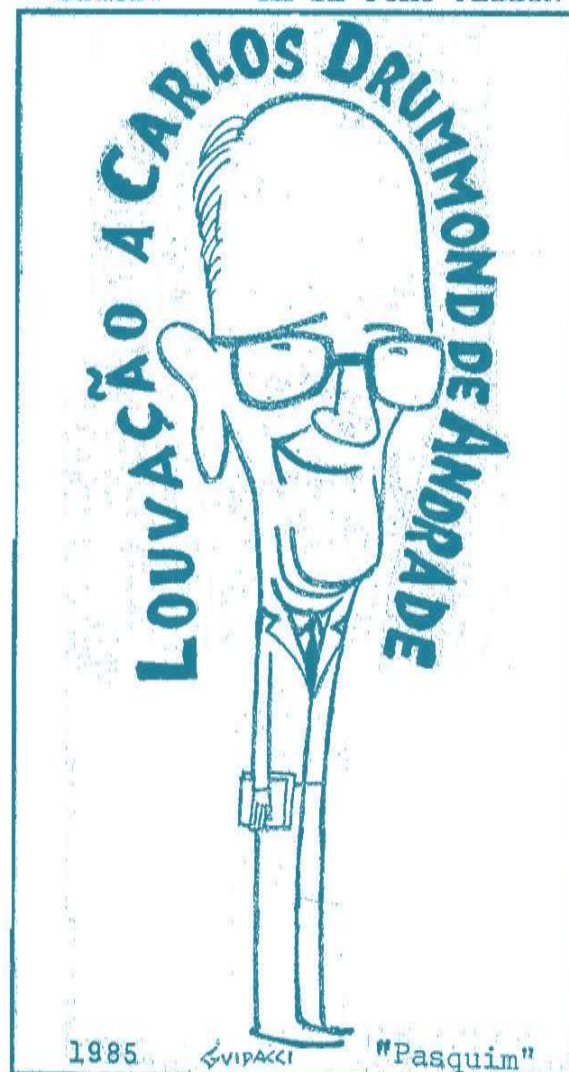
Elza Gomes ficará
Para sempre entre nós
Ficará a sua imagem
Ficará a sua voz
Na história do Teatro
Antes, durante, após.

Essa bondosa velhinha
De enorme coração
Encantou a muita gente
Mais de uma geração
Ovacionou o seu talento
Dando-lhe a consagração.

Ribalta bem iluminada
O Pano-de-Boca erguido
Vendedeira de ilusões
Elza não ficará no olvido
Depois que ela deixou
O seu palco preferido.

(1984)

POESIA DE CORDEL
Autor: SÁ DE JOÃO PESSOA



LOUVAÇÃO PARA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Um poeta é um poeta
E um poeta de fato
A poesia sem ele
Não passa de um desacato
Um insulto às culturas
É disso que aqui trato.

47

Poeta já nasce feito
O verso sempre na mira
Nasce poeta na China
Istambul e Itabira
Rússia, Pará, Palestina
Todos tocam sua Lira.

Carlos Drummond de Andrade
Nasceu lá em Itabira
Terra do Ferro e do Ouro
Do Diamante e da Safira
Criado numa fazenda
A queijo Serro e Palmira.

Desde cedo abraçou
As letras e a poesia
Para o Rio viajou
Mas pra Minas voltaria
Nos jornais dessas cidades
Trabalhos publicaria.

Poeta e repórter
Que dá notícia rimada
Igualmente é artista
Que diz verso na calçada
Palhaço é o versista
Faz odes e versalhada...

A poesia nasceu
Com a História do Mundo
Foi poeta Prometeu
Vinícius e Pedro II
Bandeira e Shakespeare
Todos aedos profundos.

Poesia não tem ontem
Nem presente nem futuro
A poesia é eterna
Não tem barreira nem muro
O poeta canta a flor
O ouro, a fome, o monturo.

Mas falar desse poeta
Que há muito é consagrado
É dizer do conhecido
É chover no chão molhado
É um escritor que já
Conseguiu o almejado.

Tem muita força o poeta
Anjo D'Anunciação
Profeta da Paz e Amor
Vendedor de ilusão
O poeta canta a Terra
O Céu e a Revolução.

Neste ano vai cumprir
Mais outro aniversário
Mais uma pedra chutada
Do seu rico itinerário
O poeta firme e forte
Prossegue no seu fadário.

O poeta que se preza
Faz de tudo nesta vida
Compositor, romanceiro
Não dá viagem perdida
Esculpe e pinta e borda
A inspiração dá guarida.

Nosso Drummond de Andrade
Pra quem não sabe é artista
Se esta vida é um circo
Ele é malabarista
Mágico, clown, domador
Cospe-fogo e trapezista.

Em lendo seu lindo verso
Forjados com picardia
Se percebe a presença
Da mais alta poesia
Cujo cantar enfeitiça
Nos envolve de magia.

Vejo Drummond na verdade
Tal um poeta popular
Capaz de vestir-se simples
E um chinelo calçar
Indo pra praça pública
Seus poemas discursar.

Parar num bar de esquina
Pedir um chope gelado
Puxar papo com a vizinha
Que está sentada ao lado
E deixar tudo fluir
Como algo maravilhado.

Passando por várias fases
Da cultura brasileira
O poeta conservou
A poesia primeira
Que veste qualquer camisa
E agita qualquer bandeira.

Não sendo um antiquado
E tampouco de vanguarda
Uma universalidade
Sua poesia guarda
É a força do cantar
Que logo chega não tarda.

No momento brasileiro
Vestiu a roupa de quem
Humilhado e perseguido
Transformado João Ninguém
Precisou da poesia
E do apoio também...

Tem poeta que prefere
Cantar a vida e a sorte
Fazer coro de louvação
De quem já levou a morte
Aqui eu canto o poeta
Enquanto é vivo e forte.

Caro poeta Drummond
Fala aqui o primo-pobre
Aprendiz desajeitado
Desta arte que é nobre
Você é feito de ouro
E eu sou feito de cobre.

Faço daqui um pedido
Com todo desprendimento
Dêem ao poeta em vida
As honras e monumentos
Gravando em sua alma
A força do sentimento.

Esta minha louvação
Pura e despretensiosa
Louva a flor da poesia
De cor viva e olorosa
É como o cravo cantando
Louvações para uma rosa.

Sou um mero cantador
De verso de pé-quebrado
Canto o canto do sertão
Louvo que é pra ser louvado
Meu verso nunca é triste
É como um forró ferrado.

Respeitoso e mui atento
Ouça aqui este cantar
Vibrante que nem o vento
E bonito como o mar
Desde logo agradecido
Orgulhoso por louvar.

FIM

EU TAMBÉM SOU MUTUÁRIO

Eu que não sou perdulário
Agora sou mutuário
Também devo ao BNH
Dezenove anos me esperam
Foi o tempo que me deram
Sei que jamais vou pagar.

Trabalhando pra cachorro
Um dia desse eu morro
E vou ficar na saudade
Sei que jamais vou pagar
Nem se um dia chegar
Na centenária idade.

Da vida amargo o fel
Mas me livro do aluguel
Que rói o meu ganha-pão
Hoje devo ao BNH
Sei que jamais vou pagar
Não alimento ilusão.

Vou trabalhar como escravo
Minha sepultura cavo
Pois não fico pra semente
Sei que jamais vou pagar
As prestações vão mofar
E assim eu morro contente!

Eu não estou tão sozinho
Devedor é o vizinho
O operário e o patrão
Do civil ao militar
Sei que jamais vão pagar
Dessa não há salvação!

Após muito sacrifício
Larguei até algum vício
Parei mesmo de fumar
Desta vez foi pra valer
As botas posso bater
Mas jamais eu vou pagar.

Agora tenho um Lar
Sei que jamais vou pagar
Mas me sinto orgulhoso
Fiz um enorme esforço
Tou que é só pele e osso
Graças dou ao Poderoso.

Como sofre o brasileiro!
Trabalhando o ano inteiro
Pra família sustentar
Tenho que dar gargalhada
De casa própria comprada
Sei que não posso pagar.

Digo Adeus Vida Ingrata!
No mundo não fiz bravata
Vou morrer sem um vintém
Sei que jamais vou pagar
Mas pelo menos um Lar
Posso legar a alguém.

FIM

LITERATURA DE CORDEL

Autor – Sá de João Pessoa

MOIRA SULLIVAN

(The girl from Chicago)



A AMERICANA APAIXONADA
PELA POESIA DE CORDEL

1987

MOIRA SULLIVAN, A AMERICANA QUE SE APAIXONOU PELA POESIA

(The girl from Chicago)

Conheci a Moira Sullivan
No meu Rio de Janeiro
Veio aqui pra pesquisar
O Poeta e o Violeiro
Para depois escrever
Um trabalho bem maneiro.

Veio Moira dos **States**
De fabulosa cidade
Trabalho, ciência, indústria
E muita prosperidade
Também tem lá em Chicago
Famosa Universidade.

Os olhos de quase verde
Cabelos cor semi-louro
Um jeito assim de magia
Ser que guarda algum tesouro
A voz de água-de-coco
O corpo queimado de ouro.

Moira Sullivan é assim
Jeito simples de plebéia
Nem muito alta nem baixa
Nem gorda e nem tetéia
Conquistou meu coração
Deixou turva minha idéia.

Bem na beira do Michigan
Um lago maior que o mar
Chicago é uma cidade
Muito boa pra morar
O clima é bem propício
Para se viver e amar.

A Moira chegou aqui
Foi direto pro Nordeste
Terra de bons cantadores
Poeta e cabra-da-pesto
Lá se come carne seca
Roupa de chita se veste.

Andou pelo Ceará
Pernambuco e Bahia
Percorreu bibliotecas
Feiras e folhetarias
Foi na fonte beber água
Onde água é poesia.

Falou com muitos poetas
Pesquisadores letrados
Falou com gente importante
Falou com pobres coitados
Visitou os cordelistas
Bateu perna nos mercados.

Em Recife conheceu
O poeta e gravador
Que reside em Timbaúba
Ali tem o seu amor
Ele é Marcelo Soares
Na gravura um vencedor.

Dali seguindo viagem
A Olinda ela chegou
A tal Casa das Crianças
A Moira também visitou
A Casa era um celeiro
Muito artista revelou.

Com Liêdo Maranhão
E com João Alves Sobrinho
A Moira cedo encontrou
A poesia no ninho
Foi ao Átila de Almeida
Recebeu muito carinho.

Manoel Camilo dos Santos
O Rei de São Saruê
Se encontrava enfermo
Mocorongo como o quê
Mesmo o poeta doente
Muita poesia ele vê...

Manoel Camilo é exemplo
Daquilo que ocorre aqui
É um poeta afamado
Canta mais que bem-te-vi
Hoje está abandonado
Morrendo à míngua ali,

Um outro que já se foi
Do cordel enciclopédia
Foi José Gentil Girão
Seu Ventura na comédia
Findou no Rio de Janeiro
A morte foi uma tragédia.

Sabia tudo da vida
A ele eu tiro o chapéu
Foi vaqueiro e cantador
E poeta de cordel
Agora estará cantando
A sua vida no céu...

A Moira leva o exemplo
De cultura em extinção
Nomes que eram legendas
Morrem à míngua no chão
E com eles também morre
A História desta Nação.

Na Bahia Moira andou
Um pouco de cada lado
Muito escritor visitou
Certo foi ver Jorge Amado
Mas não conseguiu porém
Encontrar Franklin Maxado,

Aqui no Rio também
Veio ver gente famosa
Ouvir o grande Azulão
Bater com ele uma prosa
Ouvi-lo tocar a viola
Ao lado da sua Rosa.

Apolônio Alves dos Santos
E o Elias de Carvalho
Vão contar muita história
Pra não haver ato falho
Gonçalo F. da Silva
Vai completar o trabalho.

E vai conhecer o Ciro
Excelente ilustrador
Faz pintura, faz gravura
É também compositor
Ciro Fernandes faz arte
Com fé, carinho e amor.

No Bairro Santa Teresa
Pra conhecer Zé Andrade
A arte feita de barro
Com ele é mais de verdade
Só de vê-lo Moira vai
Um dia sentir saudade.

A Casa São Saruê
Merece nota à parte
E uma Universidade
Do povo, poesia e arte
A Poesia de Cordel
A honra da Casa comparte.

A Feira de São Cristóvão
Muito bem acompanhada
Moira um dia foi ver
E ficou impressionada
É a jóia nordestina
Aqui no Rio encravada.

A alma da gente boa
A tudo ali se mistura
Buchada e sarapatel
Carne de sol com gordura
Sanfoneiro e violeiro
Tudo com muita fartura.

A Moira leva lembrança
De tantos dias vividos
Acertos, erros, paixões
Muitos casos divertidos
O canto alegre do povo
O pranto dos oprimidos.

Leva este aprendizado
Como se fosse ciência:
Que o cordel sobrevive
Com amor e paciência
Mesmo onde é impossível
Ter qualquer sobrevivência.

Chegou assim de repente
De repente vai embora
Fez muita gente contente
Pra muitos foi a Aurora
Corações despedaçados
Moira deixa aqui agora!

Agora Moira retorna
A sua Universidade
Quando aqui estará
Pra visitar a cidade?
Quando ela voltará
Para matar a saudade?

Daqui desta despedida
Em verso, prosa e cachaça
Faço esta louvação
Com amor, paixão e graça
Tudo passa nesta vida
Só a saudade não passa.

Passa a boiada no campo
No ar o pássaro voa
Passa vazia e sem graça
A vida de quem tá à toa
A Moira não passa - fica
Com o Sá de João Pessoa.

(1987)

LITERATURA DE CORDEL

Autor: Sá de João Pessoa

O AMOR DE



XUXA E PELÉ

Rio de Janeiro

1985

O AMOR DE XUXA E PELÉ

Quando da primeira vez
Só causou admiração
Ver um casal branco-e-preto
Mostrando amor e paixão
Mexeu com a gente racista
E ainda há quem insista
Que tudo é uma ilusão.

63

Pelo sim e pelo não
O casal não fez alarde
Se o amor é verdadeiro
Chega mais cedo mais tarde
Igual pimenta-de-cheiro
À comida dá tempero
Só quando sai é que arde.

Considerado *alma branca*
Na negra comunidade
Por não assumir sua cor
Pelé mantém hombridade
Mas ele é um infeliz
Em quase tudo que diz
Há algo de falsidade.

A diferença de idade
Não trouxe impedimento
Eis o amor de verdade
Não tem hora nem momento
Brota que nem uma flor
Sem preconceito de cor
Na força do sentimento.

Pelé tem muito talento
Como Ás do futebol
Foi Tricampeão do Mundo
Passou o Milésimo Gol
Além de toda essa fama
Dizem que é bom de cama
Do nascer ao pôr do sol.

Xuxa é moça de escol
É modelo e manequim
Tem o corpo de exclamar
- Vai ser bonita assim
Lá na casa do cacete!
Mas Pelé mete o porrete
Quem dela estiver a fim.

Tem um corpo de marfim
A pele leve – rosada -
Os seios são de alabastro
A teta bem empinada
A Xuxa é um **tesão**
Faz a gente **ir na mão**
Imaginando a chuchada.

Endoidecendo a moçada
Nas revistas masculinas
A Xuxa posa nuinha
Mostrando formas felinas
O pêlo loiro do sexo
Deixa a gente de complexo
De não ir naquelas minas.

São as formas femininas
Que endoidecem a gente
Aquele bunda roliça
Mexe no corpo e na mente
Só em sonhar com a Xuxa
O coração estrebucha
E me deixa sorridente.

Por isso fico contente
Esse romance deu pé
Eles não ligam pra nada
Pro casal tiro o boné
É um amor de estucha!
Pois o Pelé chucha a Xuxa
E a Xuxa chucha o Pelé.

Todos sabem como é
Quando existe atração
Entre dois seres opostos
Há uma grande explosão
É como a Bomba Atômica!
Numa fase astronômica
Uma imensa paixão.

Falo a verdade irmão
Isso é vero e dou fé
Quando vejo aquela fada
Toda nuinha em pé
Fico todo excitado
Mas sou um pobre coitado
Ah! Se eu fosse o Pelé!

Porém a verdade é
Que se vive de ilusão
Me agarro na revista
A Xuxa - Que tentação!
Assim que a gente sonha
Viaja de bronha em bronha
E vai matando o tesão.

Não houve alteração
No amor daqueles dois
A Xuxa é mais famosa
E se transformou depois
Num Símbolo Sexual
Com Pelé faz o casal
Dito ***feijão-com-arroz.***

A felicidade pois
Já fez ali finca-pé
Parece Estória de Fada
Tentação de Salomé
Se o Pelé chucha a Xuxa
Ali em cima da bucha
A Xuxa chucha o Pelé!

Do ricaço ao barnabé
A moça bela ou bruxa
Nas belas terras do Norte
Mesmo na terra Gaúcha
Na cama dando um Olé
A Xuxa chucha o Pelé
E o Pelé chucha a Xuxa.

E não é que a pequerrucha
De tanto mandar chuchada
Destronou o Rei da Bola
Ganhou fama a danada
Também tão gostosa assim
Só comendo amendoim
Pelé agüenta a parada.

E isso aqui não é nada
O casal já correu mundo
Europa - Miami - Bahia
Manaus - Pará - Passo Fundo
Para ter fama e conceito
Forma par quase perfeito
De exemplo belo e fecundo.

Mas esse amor tão profundo
Entre o preto e a branca
Fez com que a sociedade
Mostrasse logo a carranca
Gente promove o racismo
Com tão grande cretinismo
Cara-de-pau não se manca!

O racismo não estanca
De modo tão facilmente
É um mal que se arraiga
Deturpando nossa mente
Mas nesta vasta Nação
Qualquer discriminação
Tem o repúdio da gente.

Seja do jeito que for
Pelé causa vibração
É o Atleta do Século
Com a mulher sensação
Seja no chute ou voleio
Beijando a Xuxa no seio
Ele estarrece a Nação.

Ouça agora meu irmão
Vou encerrar a história
O Amor de Xuxa e Pelé
É uma coisa notória
Do Norte ao Sul brasileiro
No país e no estrangeiro
O casal tem nome e glória.

Sei que a vida é vitória
Respeito o amor e a fama
Onde houver felicidade
Voto a favor de quem ama
Esse casal é trigueiro
De jeito bem inzoneiro
Ouriçado e bom de cama.

FIM

LITERATURA DE CORDEL
Autor: Sá de João Pessoa
**CORRUPÇÃO,
DEMOCRÁCIA**

Seu voto vale ouro



Não jogue dinheiro fora

&ELEIÇÃO

Rio de Janeiro
s/d

CORRUPÇÃO, DEMOCRACIA E ELEIÇÃO

Peço a Deus um auxílio
E muita benevolência
Pois vou falar a meu povo
Sobre a estranha ciência
Preciso ter argumento
Muito amor a sapiência.

70

Todo mundo ouviu falar
De Paz e Democracia
Todo mundo aspira
Que elas voltem um dia
Se tudo corresse assim
A gente em paz viveria.

Essa tal Democracia
Vem de tempos bem antigos
Originária da Grécia
Derrotou seus inimigos
E chegou até aqui
Onde tem muitos amigos.

Um governo democrata
É o governo ideal
É do povo para o povo
Com justiça social
Promove eleições diretas
E política liberal.

Foi fundada a República
Depois da tal Monarquia
E com ela se instalou
Firme a Democracia
Só percalços encontrou
Até chegar hoje em dia.

E tudo isso por que
A política serviu
Para atrasar o progresso
Do nosso amado Brasil
Pois quase todo político
É egoísta e incivil.

Políticos começaram
A mudar a teoria
Com ganância de poder
E roubo e estripulia
Botaram tudo abaixo
Com grande hipocrisia.

Foi por isso minha gente
Que aqui neste país
O progresso não chegou
O povo segue infeliz
Falta dinheiro e comida
A fome está por um triz.

Passa ano e entra ano
Ano vai e ano vem
Entra ditadura sai outra
A democracia também
Fica nesse fuque-fuque
E fica nesse vai-e-vem.

O político só vive
Fazendo politicagem
Pede mil votos ao povo
E começa a gatunagem
É um tal de rouba-rouba
Que tremenda sacanagem.

Todo político é o tal
Bonito, maravilhoso
De paletó e gravata
É gabola e presunçoso
Promete tudo e não faz
Que tremendo preguiçoso.

Esse cara é sabido
Um boneco engraçadinho
Pede o vote humilde
Com jeito de santinho
Para depois de eleito
Cair fora de fininho.

Todos eles são assim
Em época de eleição
Prometem tudo a todos
Com muita satisfação
Mas na hora de fazer
Somem de circulação.

Para o retorno do voto
Todos unidos lutaram
E alguns com a prisão
Esse desejo pagaram
Mas que triste ilusão
Já os políticos voltaram.

Até que a política é boa
Quando está na teoria
Pois prevê tudo de bom
E ao homem beneficia
Mas a política só vale
Junto com a democracia.

Quanto ao político bom
Ele existe mas é raro
Aqueles homens honrados
E são do povo o amparo
É preciso apoiá-los
E elegê-los é claro.

São os que fazem as leis
E do pobre a proteção
Que enfrenta o governo
E fazendo a oposição
Luta quando em liberdade
Ou em época de opressão.

Nosso país luta tanto
Pro progresso alcançar
Há um esforço comum
Pra nação se projetar
No cenário mundial
Um dos grandes se tornar.

Trabalha o operário
O pedreiro e o lavrador
Trabalha o farmacêutico
O padeiro e o varredor
Trabalha até o polícia
O ferreiro e o estivador.

Completa o mutirão
Para um mundo melhor
O estudante e o médico
E todo trabalhador
São o orgulho da terra
Que constroem com suor.

Agora vem o político
Trazendo a corrupção
Compra gente vende voto
Só vive de traição
E assim vai destroçando
O povo bom da nação.

O político revive
Os tempos dos coronéis
Cada qual tem um terreiro
Desempenham seus papéis
É muita gente corrupta
Não vale nem um derréis.

Já não há mais coronel
O tipo se extinguiu
É o que dizem não creio
Quem tá no sertão sentiu
O bicho é que nem saúva
Vai acabar com o Brasil.

Hoje após 20 anos
De governo militar
Surge a nova esperança
Da situação mudar
Vamos poder escolher
Candidato popular.

Alguns deles do exílio
Esperançosos voltaram
Hoje estão ansiosos
Pois no passado lutaram
Por ampla democracia
Que um dia tanto sonharam.

Trouxeram a experiência
De existência sofrida
Passada longe daqui
E da família querida
Vieram com a mesma garra
Que levaram na partida.

E muitos são candidatos
De partidos populares
Oxalá que não repitam
Os erros dos militares
E façam um bom governo
Que traga comida aos lares.

Agora caro eleitor
Que há muito tempo não vota
Deve ter muito cuidado
Não acredite em lorota
Não transforme essa chance
Em fragorosa derrota.

Evite os candidatos
Que fazem politicagem
Escolha os que demonstram
Trabalho a muita coragem
E assim poderá tirar
Do voto alguma vantagem.

Já está bem comprovado
Para dirigir um país
Tem que ser muito honesto
E conhecer esses brasis
Pensar mais na sua gente
Fazer o povo feliz.

Nas próximas eleições
Em que tantos vão votar
Vamos ter muita atenção
Pro voto não anular
Escolhendo candidatos
De partido popular.

Resta agora aguardar
O dia da eleição
Vamos todos escolher
E votar sem ter paixão
Dispensar voto de amigo
O certo é oposição.

FIM

Algumas citações sobre Sá de João Pessoa

Cantadores, repentistas e poetas populares
José Alves Sobrinho
Editora Bagagem, 2003
ISBN 8589254054, 9788589254052

O cordel televivo: futuro, presente e passado da
literatura de cordel
Franklin de C. Machado
Editora Codecri, 1984

Literatura de cordel em discussão
Umberto Peregrino
Editora Presença, 1984

Tancredo Neves na literatura de cordel
Veríssimo de Melo
Editora Itatiaia, 1986

Antologia brasileira de literatura de cordel
Academia Brasileira de Literatura de Cordel
Gonçalo Ferreira Studio Gráfico, 1998

Mito e poesia popular
Lêda Tâmega Ribeiro
FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1987

A solidão povoada
Monique Le Moing
Editora Nova Fronteira, 1996
ISBN 8520907911, 9788520907917

O AUTOR

Salomão Rovedo (1942), de formação cultural em São Luis (MA), mora no Rio de Janeiro desde a década de 1960.

Poesias: Abertura Poética (Antologia), Walmir Ayala/César de Araújo, 1975; Tributo, 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), Leila Míccolis/Tanussi, 1981; Chuva Fina (Antologia), Leila Míccolis/Tanussi Cardoso, 1982; Folguedos, c/Xilos de Marcelo Soares, 1983; Erótica (Poesia), c/Xilos de Marcelo Soares, 1984; Livro das Sete Canções (Poesia), 1987.

Em e-Books:

Poesia: Porca elegia, 7 canções, Sentimental, Amaricanto, bluesia, Mel, Espelho de Venus, 4 Quartetos para a amada cidade de São Luis, 6 Rocks Matutos, Amor a São Luis e ódio, Sonetos de Abgar Renault (antologia), Glosas Escabrosas (c/Xilos de Marcelo Soares).

Contos: O sonhador, Sonja Sonrisal, A apaixonada de Beethoven, Arte de criar periquitos, A estrela ambulante, O breve reinado das donzelas.

Outros: Cervantes e Quixote (artigos), Gardênia (romance), Stefan Zweig (Antologia), Ilha, romance, Meu caderno de Sylvia Plath (Antologia), Viagem em torno de Dom Quixote (Pesquisa), 3 x Gullar (Ficção), Literatura de Cordel (Ensaio), que estão disponíveis grátis na Internet e em: <http://www.dominiopublico.gov.br>

Foto: Priscila Rovedo



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brazil. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/> ou envie uma carta para Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA. Proibida a impressão e comercialização sem autorização do autor. Obs: Após a morte do autor os direitos autorais devem retornar aos herdeiros naturais.